

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Instituto de Relações Internacionais

Ana Carolina Santoro Cupello

**Os Silenciamentos da Construção do Problema da Fome: Uma visão
Sobre a África**

Orientadora: Manuela Trindade

Rio de Janeiro

2020.2



Instituto de Relações Internacionais

Ana Carolina Santoro Cupello

**Os Silenciamentos da Construção do Problema da Fome: Uma visão
Sobre a África**

Orientadora: Manuela Trindade

Artigo Científico apresentado ao Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Rio de Janeiro

2020.2

Dedicado a todas as vítimas da
mais perversa forma de
desumanização: a fome.
Resistam!

Agradecimentos

Há muitas pessoas pelas quais preciso agradecer nessa jornada longa e tortuosa que foi minha vida nesses últimos anos, mas tentarei ser o mais breve possível.

Em primeiro lugar, preciso agradecer a Deus por toda força, paciência e

perseverança. “Para o homem é impossível, mas para Deus todas as coisas são possíveis” (Mateus 19:26-30).

Em segundo, aos meus queridos pais e minhas maiores inspirações, Luiza Valéria (*in memoriam*) e Cláudio Roberto (*in memoriam*), por me proporcionarem uma educação de qualidade e sempre me incentivarem a dar o meu melhor, buscando o máximo de conhecimento possível. Sem vocês, eu não estaria aqui hoje! Amo vocês para sempre.

Em terceiro, aos meus avós, Antônio (*in memoriam*) e Wanda (*in memoriam*), Orlanda e Francesco (*in memoriam*). Vocês me ensinaram o significado de amor, sacrifício, superação e trabalho duro com suas trajetórias. Obrigada por tudo!

Ao meu tio e padrinho, Joaquim, a minha tia Sandra e a minha tia e madrinha Lídia o meu muito obrigada a toda ajuda, carinho e torcida. Vocês são uma inspiração!

Aos meus primos, Lucas, Rafael e Gabriel pelo grande carinho, parcerias, risadas e, mesmo com a distância para os dois últimos, toda a torcida por mim.

A minha madrinha de consagração, Dedé, por sempre acreditar em mim e ter sempre uma palavra de carinho. Aproveito para agradecer aos primos Pedro, Alexandre e Leninha por todo carinho e parceria ao longo de todos esses anos.

Aos outros familiares, peço desculpas pois não conseguirei citar o nome de todos, mas gostaria de agradecer a turma da tia Lúcia e tio Mário (*in memoriam*), a turma da tia Lídia, a turma da Vandinha, a turma de Itaoca e a turma do Zezinho pela grande torcida, apoio e carinho.

Aos meus amigos que escolhi como família, minhas irmãs Bia e Juh, a mãe Ana Paula, ao pai Márcio, a irmã Isa, as tias Valesca e Valdete, aos tios Francisco e Léo, vocês me acolheram com todo carinho e amor na família de vocês, me aconselharam, me consolaram e me fizeram rir muito. O caminho não está sendo fácil, mas tudo fica mais leve com vocês. Obrigada por tudo de coração!

Ao presentinho que a PUC Rio me deu, minha querida amiga Ana Clara. Sem você eu surtaria já na metade do curso. Obrigada pelas dicas, sinceridade e a grande amizade!

Aos meus queridos amigos, Dara, Lana, Sérgio de Luca, Matheus “Cunha”, Victor Larcher, Lucinha, Vera, Sheila, Fernanda, Anne, Larissa, Ana, Yasmin, Taís, Cathy, Maria Lúcia, Cristina e Pedro Turano, Pedro Paulo, André e a tantos outros que não conseguirei citar aqui. Fica aqui o meu muito obrigada pelas conversas, conselhos para a vida, ajuda com os trabalhos acadêmicos, risadas e, até mesmo, as roubadas.

O meu muito obrigado também à Vice-Reitoria Comunitária por me proporcionar uma bolsa de 100% sem a qual não seria possível a conclusão desta graduação. Vocês fizeram meu sonho possível! Gostaria de agradecer a todo corpo docente e administrativo do IRI, em especial ao Sérgio Veloso, Paula Sandrin, Paula Drumond, Marcelo Cappucci e Paulo Chamon. Vocês marcaram minha graduação com aulas que nunca mais esquecerei, me fizeram enxergar e refletir questões sem as quais a realização desse projeto seria impossível. Acredito que saio deste curso uma pessoa melhor do que entrei por conta de vocês!

Um agradecimento em separado e especial para minha orientadora, Manuela Trindade. Quando você se ofereceu para me orientar eu nem acreditei. Te admiro demais como acadêmica, mas também como pessoa e acho que isso torna tudo mais especial. Obrigada por toda orientação, conselhos, puxões de orelha e principalmente pela compreensão! Se eu for um terço da mulher que você é “quando eu crescer”, eu já ficarei muito feliz.

Por último, mas não menos importante, preciso deixar o meu agradecimento aos bichos da minha vida. Pode parecer estranho, mas sem o amor incondicional que eles me proporcionam, muitas vezes eu não teria nem conseguido levantar da cama. Obrigada

Belinha, Sofia (*in memoriam*), Fred, Nina (*in memoriam*), Freya, Quica (*in memoriam*), Luke (*in memoriam*), todos os gatos (que são muitos) e a todos os outros bichos que não pude citar aqui pela grande quantidade.

Encerro aqui mais uma jornada de minha vida com muita alegria e esperança de dias melhores. Foram muitas as reviravoltas nesses últimos 5 anos e foi bom contar com cada um de vocês em vários desses momentos. Sou muito grata a todos, alguns mais, outros menos, porém a todos!

Resumo

Este artigo tem como objetivo mostrar o cenário de fome atual na África por meio das duas principais agências envolvidas no assunto: FAO e WFP, além de trazer a discussão do por quê, após vários anos de projetos e tentativas, a fome no continente não cessa e vem aumentando nos últimos anos. Mostrando por meio de conceitos como orientalismo e racismo onde se encontra a raiz do problema da fome na África atual. Com isso, apresenta-se um resumo das principais causas da fome apontadas por essas agências e a relação que o passado colonial tem com a crise atual.

Palavras-chave: Fome; África; Colonialismo; FAO..

Siglas

ECA - Economic Commission for Africa

FAO - Food and Agriculture Organization

IFAD - International Fund for Agricultural Development

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

ONGs - Organizações Não-Governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

OXFAM - Oxford Committee for Famine Relief

UNICEF - United Nations International Children's Emergency Fund

UNOSSC - United Nations Office for South-South Cooperation

WFP - World Food Program

WHO - World Health Organization

Sumário

1. Introdução	09
2. O “problema da África” no “problema da fome”	16
3. A relação entre raça, colonialismo e fome	26
4. Conclusão	31
5. Bibliografia	33

Introdução

De acordo com a FAO (*et al*, 2019, p. vii) , mais de 2 bilhões de pessoas estão passando por uma moderada ou forte insegurança alimentar e 820 milhões de pessoas, dentro desta contagem, estão passando fome no mundo. Esse número em grande medida se localiza no continente africano, onde existem 256, 1 milhões de pessoas famintas (*ibid*, p. 9), afetando mulheres e crianças de forma mais severa (*ibid*, p. 23-4). São 109,8 milhões de mulheres anêmicas em idade de reprodução e 14 milhões de crianças com menos de 5 anos abaixo do peso em relação a altura (*ibid*, p. 135). Esses dados fazem parte do relatório “O Estado da Insegurança Alimentar e Nutrição no Mundo”, produzido anualmente pela FAO e, apesar de hoje em dia termos bastante informação sobre a fome, suas causas e como combatê-la, isso nem sempre foi assim.

Antes de 1946, não existia uma agência intraestatal especializada em estudar e encontrar formas de erradicar a fome em termos mundiais. Foi só com o final da Segunda

Guerra Mundial e a criação da ONU que surge por parte dos Estados um maior interesse no assunto e, com isso, é fundada a Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO (A), s.d.). Com o objetivo de “alcançar segurança alimentar para todos e garantir que as pessoas tenham acesso regular a alimentos de alta qualidade suficientes para levar uma vida ativa e saudável”¹ (ibid, s.d., tradução minha), a FAO está presente em mais de 130 países do mundo e possui 194 Estados membros (ibid, s.d.).

Desde a sua criação, a Organização é focada em pesquisas relacionadas à fome e a suas causas, agricultura, pesca, pecuária e todo e qualquer tema relacionado a alimentação mundial e as dificuldades enfrentadas para lidar com a fome e a insegurança alimentar. Além disso, organiza conferências, lida com crises, fornece ajuda alimentícia para países em necessidade, cria e monitora projetos e fornece recomendações aos países membros para resolver suas dificuldades alimentares e nutricionais (ibid, s.d.).

Com mais de 70 anos de existência e trabalhando exclusivamente em temas relacionados à alimentação mundial, a FAO se torna uma das agências mais especializadas nessa área no âmbito internacional. Toda essa experiência lhe confere uma autoridade considerável no que concerne ao problema da fome, reivindicada por meio de um *expertise* acumulado nesse campo, muito maior do que qualquer outra organização no sistema internacional.

Apesar da grande importância da FAO nesta seara, a crescente produção de conhecimento sobre o “problema da fome” resultou historicamente na ramificação dos estudos sobre o tema, bem como na multiplicação de atores engajados com o combate à fome. O PNUD, por exemplo, engaja com o combate à fome por meio de projetos de desenvolvimento sustentável. Outras organizações preferem concentrar seus esforços em

¹ No original: “Achieve food security for all and make sure that people have regular access to enough high-quality food to lead active, healthy lives.”

populações especialmente vulneráveis diante do “problema da fome”. É nesse sentido que a Unicef e a ONG Save the Children, por exemplo, desenvolvem projetos com foco em crianças e adolescentes; e o ACNUR trabalha com a interface do combate à fome e as populações em condição de refúgio.

Outras organizações têm sua criação diretamente ligada à identificação de uma lacuna no trabalho da FAO. No caso do WFP, a percepção de que a FAO falha no atendimento emergencial de países em crise constitui o gatilho para a criação, em 1961, de um programa voltado ao oferecimento de apoio às populações que atravessam grandes crises alimentícias (WFP, s.d.). Destaca-se, ainda, o papel da OXFAM (s.d.) e da Cruz Vermelha (s.d.) no que diz respeito à ajuda humanitária. Fundadas respectivamente em 1942 e 1863, as duas ONGs têm por objetivo fornecer alimentos, cuidados médicos e dar assistência a populações em perigo. Assim, elas e muitas outras instituições, trabalham para mitigar de forma imediata os efeitos que a fome e outras mazelas trazem para a vida das populações.

Com mais de 50 anos de existência, o WFP tem estado presente em muitas crises humanitárias ao longo de todos esses anos, não só levando alimentos e outras provisões em casos de crises, mas também ajudando na reabilitação desses países. Hoje, a organização se considera

“a maior agência humanitária do mundo salvando vidas e mudando vidas. Quando os desastres acontecem, é rápido demais e escala em um piscar de olhos; quando não o fazem, trabalha incansavelmente para reforçar a nutrição e a segurança alimentar. Sua presença no campo é profunda; sua compreensão operacional das necessidades alimentares, incomparável”² (WFP, s.d., tradução minha).

² No original: “The world's largest humanitarian agency saving lives and changing lives. When disasters strike, it is quick off the mark and scales up in a heartbeat; when they do not, it works tirelessly to bolster nutrition and food security. Its field presence is deep; its operational understanding of food needs, unrivalled.”

A FAO e o WFP têm figurado, assim, como agências com trabalhos complementares: a primeira, com o propósito de erradicar o problema como um todo, a segunda com uma conduta mais operacional, lidando com crises de forma imediata e rápida.

Tais agências serão o ponto de partida deste trabalho. Isso porque a FAO e o WFP vieram a ser consideradas as principais especialistas no que toca ao “problema da fome” no mundo, o que se verifica, por exemplo, na recorrente mobilização de estudos produzidos pela FAO e pelo WFP em relatórios elaborados por outros atores citados acima. Com efeito, os estudos produzidos pela FAO e pelo WFP são associados com precisão, atualização e confiabilidade dos dados no que diz respeito à construção de cenários e linhas de ação de outras organizações engajadas com o “problema da fome”.

Este definitivamente é o caso do relatório anual “O Estado da Insegurança Alimentar e Nutrição no Mundo”, uma das mais completas e principais publicações da FAO nos últimos anos, trazendo números e tendências, mundiais e regionais, do quadro da fome. Além disso, o “Relatório Global Sobre Crise Alimentar”,³ é uma das mais importantes publicações da WFP atualmente. Ele nos mostra os países em crise alimentar, sua evolução ao longo dos últimos anos, tendências para os próximos anos e possíveis soluções imediatas (WFP *et al*, 2019), sendo, assim como o “Estado da Insegurança Alimentar e Nutrição no Mundo”, muito usado como base para outras publicações dentro e fora da agência.

Visto que essas duas instituições não só estão presentes de forma física nos países e em suas crises, mas são também, produtoras de conhecimento e *expertise* que atravessam as ações de outras instituições no mundo sobre a fome, a FAO e o WFP

³ Organizado de forma anual também.

ocuparão o centro da discussão neste trabalho. Mais precisamente, é partindo da constatação de que a produção dos relatórios acima e seu recorrente uso como fonte na produção de conhecimento sobre a fome que a próxima seção busca compreender o lugar da África na construção do quadro sobre o “problema da fome”. Para tal, os dois relatórios mencionados acima constituirão a base das próximas seções, nas quais buscarei compreender os termos com que o “problema da fome” veio a ser compreendido, bem como as condições que fizeram com que o continente africano emergisse como o centro de gravidade das preocupações com relação à fome no mundo.

Uma vez compreendido, pela perspectiva dessas agências, o lugar que o continente africano ocupa nessa discussão, esse trabalho irá se propor a contestar as ações e a visão que essas mesmas agências têm sobre o problema da fome na África. Com este fim, a relação entre colonialismo, raça e fome será discutida por meio de obras como: *Orientalismo* de Edward Said (2007) e *O Contrato Racial* de Charles W. Mills (1999), além de textos de apoio como “Good Governance and State Failure: The pseudo-science of statesmen in our times” de Branwen Gruffydd Jones (2015).

É de suma importância que se entenda o impacto que essas duas agências têm⁴ no âmbito mundial pelo que entendemos por “fome” e sua subsequente “solução”. Isso porque é justamente sobre a compreensão desses fatos por meio da FAO e da WFP que o problema é gerado. O objetivo deste trabalho não é, de forma alguma, deslegitimar os anos de pesquisa e trabalho que milhares de profissionais exercem nessas duas organizações, mas sim, discutir e apresentar os impactos que certas escolhas discursivas geram na solução do problema da fome no continente.

⁴ Mas não somente elas, pois sua conduta influencia outras organizações como foi mostrado acima (Oxfam, Cruz Vermelha, Save the Children, etc).

A escolha dessas agências em propagar soluções neoliberais em países africanos, ignorando muitas vezes, as causas pelas quais o levaram a essas condições em primeira instância, se torna um obstáculo para o objetivo final: acabar com a fome e a insegurança alimentar na África. Muito se fala nas causas que levam-na ao quadro de fome atual: conflitos e insegurança, má governança, corrupção, falta de insumos para lidar com crises climáticas, crises econômicas, etc. Entretanto, quase nunca se fala sobre a verdadeira causa do problema da fome: o colonialismo e a questão racial (JONES, 2015, p. 63-64).

Apesar de hoje em dia falarmos em representações e soluções locais (ver, por exemplo, FAO, 2017, 2018, 2019), por milhares de anos a ideia de que não-europeus e principalmente, não-brancos, não eram capazes de cuidar de si mesmos foi gerada e propagada, sendo usada como justificativa para a colonização e escravidão (JONES, 2015, p. 67-69). Infelizmente, essa ideia de que eles precisavam ser representados e ensinados ao “desenvolvimento” e “civilização” pode ser encontrada na academia nos dias atuais por meio do discurso de estados falidos.

A redução do africano a um ser-humano problema que precisa ser solucionado é o meio pelo qual o discurso colonialista e racista se propaga hoje em dia. Sendo assim,

a condição da África por meio da linguagem da boa governança e do fracasso do Estado é a senso comum de nosso tempo, um senso comum que ajuda a legitimar o espectro da intervenção ocidental na África e outras sociedades não ocidentais, de intervenção militar até reforma da governança (JONES, tradução minha, 2015, p. 63).⁵

A crise pela qual a África passa atualmente, é resultado dessa objetificação sofrida ao longo de sua história até os dias atuais, assim como os povos orientais que também passaram por processos colonialistas. A troca entre o imaginativo do que é Oriente e a

⁵ No original: “(...) Africa’s condition through the language of good governance and state failure is the commonsense of our time, a commonsense which helps to legitimise the spectrum of western intervention in Africa and other non-western societies, from military intervention to governance reform.”

produção de conhecimento acadêmico desses lugares é a raiz do problema e sua contribuição para a crise precisa ser endereçada de forma correta por essas agências (SAID, 2007, p. 29).

O processo de construção do discurso colonialista e escravista para a dominação desses povos é antigo e longo e, não cabe aqui relatar toda sua história. Entretanto, é importante salientar características principais desse decurso para entendermos o cenário atual do continente.

Dessa forma, o processo colonizador na África se deu por meios exploratórios de forma mais agressiva a partir do final do século XIX. Nele, colonizadores brancos identificavam de alguma forma uma sociedade deficiente que precisava de intervenção. Ela necessitava ser assumida e governada por eles para o próprio “benefício” dos povos africanos não-brancos, pois eles seriam incapazes (MILLS, 1999, p. 13). Da mesma forma, o discurso de Estado falido usado atualmente tem como ponto de partida as características e processos que ocorrem dentro do próprio Estado, não levando em conta sua formação histórica e relações globais, fazendo com que, a análise seja incompleta e intervenções sejam necessárias já que eles ainda são incapazes (JONES, 2015, p. 64).

Para Jones (2015, p. 64), não há como analisar a situação atual africana de fome e miséria sem a “examinação séria do caráter e o legado do colonialismo e os efeitos e consequências de práticas contínuas de acumulação e intervenção internacional”⁶. Ainda assim, “o passado do colonialismo e o presente da intervenção internacional são

⁶ No original: “(...) seriously examining the character and legacy of colonialism and the effects and consequences of ongoing practices of international accumulation and intervention.”

marginalizados na maioria das análises de falência do estado”⁷ (ibid, p. 64) e, no problema da fome também.

Tendo em vista as informações e conceitos apresentados acima, este trabalho irá se empenhar em mostrar a relação de políticas coloniais e raciais no continente africano com o cenário atual de fome no local. Além disso, ele contará com espaço para reflexões sobre as possíveis soluções para combater a fome e de que forma a FAO e a WFP poderiam ser mais eficazes e atuantes na raiz do problema.

O “problema da África” no “problema da fome”

Apesar do continente africano ter 54 países, quando o assunto é miséria e fome, é difícil vermos menções a eles em separado. A caracterização do continente como um todo indistinto é usualmente justificada pela identificação de problemas e disfunções similares que atravessam seus países como marcas de um subdesenvolvimento sempre entendido como endógeno. É com essa concepção desse “grande país chamado África” que muitos relatórios são produzidos.

Como exemplo dessa dinâmica, as duas organizações das quais estamos tratando aqui têm o seu maior foco no continente africano como um todo. A própria FAO produz, desde 1999, um relatório anual mundial no qual seu maior foco incide sobre os continentes africano e asiático, que concentram números e casos mais alarmantes do quadro de fome e insegurança alimentar no mundo (FAO (B), s.d.). Entretanto, com o avanço da discussão sobre a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, a FAO junto com a WFP, WHO, UNICEF e IFAD transformaram, em 2017, esse mesmo relatório, em uma produção colaborativa entre as entidades (FAO *et al*, 2019, p. vii).

⁷ No original: “The past of colonialism and the present of international intervention are sidelined in most analyses of state failure.”

Essa decisão marca uma nova forma de trabalho e estudo dessas agências, cujo principais objetivos são reafirmar o compromisso das mesmas em juntar esforços para acabar com a fome e garantir alimentação saudável, de qualidade e com valor nutricional para todos ao redor do mundo. Para que isso seja alcançado, essas organizações usam temas no principal relatório anual da FAO, relacionados aos maiores problemas no combate à fome no mundo e as soluções cabíveis para cada um (ibid).

O trabalho conjunto dessas agências faz com que o “Estado de Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo” seja, atualmente, o relatório mais completo e exato da situação alimentar mundial. O mesmo é preparado e compilado pela FAO, porém estatísticos e especialistas técnicos dessas agências compilam e analisam os dados e, uma vez prontos, são revisados por gerentes especialistas designados por cada um desses escritórios. Com o rascunho final pronto, ele é enviado para o gerenciamento e especialistas técnicos *seniors* de cada agência que, aprovados, são enviados para uma última revisão e aprovação executivas (ver, por exemplo, FAO *et al*, 2017, 2018, 2019).

Ainda que esse relatório seja completo e confiável, cada uma dessas agências continuam tendo relatórios anuais colaborativos com outras agências, porém, de acordo com suas especialidades e atuações de campo. São os casos do “PAM – Ano em Revisão” e “Relatório Global sobre Crises Alimentares”, produzidos pela WFP. O primeiro traz balanço de custos, áreas de atuação, programas chaves, previsões para o futuro e lições aprendidas e o segundo uma visão mundial de assistência humanitária, soluções e números de pessoas afetadas.

Assim como a FAO, ambos os relatórios são revisados mais de uma vez por especialistas técnicos, estatísticos e são feitos em colaboração com os dados fornecidos pelos países estudados (ver, por exemplo, WPF *et al*, 2017, 2018, 2019) fazendo com que as publicações sejam confiáveis, completas e seguras.

Os relatórios citados acima fazem referência às tendências mundiais de insegurança alimentar, ajuda humanitária e crises de fome, entretanto é possível observar que mais da metade deles tratam de países africanos e seus problemas. Isso se deve, segundo essas agências, à grande concentração de fatores que ocasionam e agravam as crises humanitárias, como a extrema fome por exemplo (ver, por exemplo, FAO *et al*, 2017, 2018, 2019).

De acordo com essas duas agências, são três os principais fatores causadores da fome: conflitos armados, mudanças climáticas e crises econômicas. Esses três fatores, tanto separadamente, quanto juntos, podem causar ou piorar cenários adversos, como falta de alimentos, acesso à saúde de qualidade e à educação, deslocamentos de pessoas, destruição da agricultura e pecuária locais. Além disso, no caso das mudanças climáticas, por exemplo, elas podem ocasionar desastres naturais, como enchentes e secas extremas, prejudicando exportações e dessa forma, as economias dos países exportadores. Observamos assim, que esses fatores podem acabar se sobrepondo uns aos outros fazendo com que seja muito difícil uma solução de curto prazo (FAO *et al*, 2017, p. 39-46).

Por meio do seu principal relatório, em 2018, a FAO destacou que, apesar dos conflitos e crises econômicas terem grande impacto no cenário de crises humanitárias mundiais, as variações climáticas e os desastres naturais, são os maiores causadores da fome e insegurança alimentar no mundo, pois demandam ações globais e conjuntas contra o aquecimento global (2018, p. xiv). Ainda que esses fatores afetem todos os continentes de alguma forma, no que diz respeito ao problema da fome, os piores números se localizam nos continentes asiático e africano respectivamente e veremos abaixo de forma mais minuciosa sobre cada um deles.

De acordo com a FAO (*et al*, 2017, p. 2, tradução minha), o aumento dos conflitos nos últimos 10 anos no mundo, mas principalmente nos países do continente africano,

“estão gerando maior insegurança alimentar, alimentando focos de violência e criando novos”⁸. A estimativa é de que haja 489 milhões de 815 milhões de pessoas subnutridas em países atualmente em conflito, revelando estagnação ou mesmo regressão no quadro da fome – quadro contrastante com aquele de países estabilizados, que têm alcançado as metas para diminuição da fome e subnutrição (ibid, p. 30).

Os efeitos dos conflitos compõem uma aglutinação de agravantes humanitários, como é o caso da interseção do conflito armado com o deslocamento de pessoas. Com efeito, gado e plantações são destruídas, terras e bens são confiscados, deixando muitas famílias sem dinheiro para continuar produção de comida para sua subsistência e de outros grupos que comprem suas mercadorias (WFP *et al*, 2017, p.17). Segundo a WFP (ibid, p.18, tradução minha), há ainda “o efeito prejudicial do conflito sobre a agricultura e outros meios básicos de produção diminuem o progresso econômico e afetam o desenvolvimento do mercado”⁹, isso faz com que seja ainda mais difícil a resolução do problema alimentar pelo Estado. Ademais, conflitos internos muitas vezes atravessam fronteiras e se estendem a outros países, sejam por meio de guerras de procuração ou ao grande fluxo de refugiados. Toda essa questão faz com que haja uma desestabilização da região como um todo e a crise se alastre (FAO *et al*, 2017, p. 33).

Além disso, a duração do conflito e sua intensidade são importantes para designar o impacto que o mesmo terá sobre o Estado e sua economia, taxa de pobreza e capacidade de conseguir alimentos para a sua população (ibid, p. 41). Lamentavelmente, grande parte do continente africano é afetado e faz parte dessa dinâmica (ibid, p. 33), sendo mais da metade dos países envolvidos em guerras ou afetados por conflitos vizinhos (ibid, p. 102).

⁸ No original: “driving greater food insecurity, fuelling hotbeds of violence and creating new ones.”

⁹ No original: “the detrimental effect of the conflict on agriculture and other basic means of production slows economic progress and affects market development.”

Da mesma forma que os conflitos armados interferem nas dinâmicas de produção, distribuição e obtenção de alimentos, as mudanças climáticas acabam construindo os mesmos obstáculos. De 2015 para 2017, o número de pessoas desnutridas no mundo passou de 815 milhões para 821 milhões, chegando quase ao nível de uma década atrás em somente 3 anos (FAO *et al*, 2018, p. 2). Desse total, mais de 256 milhões de pessoas se concentram no continente africano, totalizando 21% da população da África (ibid, p.2).

A elevação desses números em tão pouco tempo nos mostra que medidas devem ser tomadas para retomarmos os níveis de decrescimento de alguns anos atrás. Entretanto, no que concerne aos obstáculos produzidos pelas variações climáticas o desafio é maior. As mudanças no clima de forma mais abruptas,

já estão prejudicando a produção das principais safras (trigo, arroz e milho) em regiões tropicais e temperadas e, sem adaptação, espera-se que isso piore conforme as temperaturas aumentam e se tornam mais extremas (FAO *et al*, 2018, p. 39, tradução minha)¹⁰.

A chave para superar esse obstáculo a curto prazo, se encontra justamente na palavra adaptação. As variações e fenômenos climáticos advindos do aquecimento global podem ser sentidos em todo mundo, mas existem países mais preparados e equipados para lidar com essas adversidades. Infelizmente, esse não é o caso dos países africanos (ibid, p. 40).

Tendo isso em vista, é de extrema importância garantir uma estratégia integrada nesses países que promovam a habilidade e adaptação a eventos climáticos extremos para garantir a produção de alimentos (ibid, p. 40). O que se torna, mais uma vez, um problema no que diz respeito à África como um todo por não ter condições financeiras para bancar

¹⁰ No original: "... already undermining production of major crops (wheat, rice and maize in tropical and temperate regions and, without adaptation, this is expected to worsen as temperatures increase and become more extreme"

essas adaptações, e até mesmo em alguns casos, condições físicas por conta de conflitos internos.

Permeado por conflitos e guerras de procuração, muitos países africanos não têm condições de manter suas plantações, estoque de animais vivos, terras para cultivar e não tem controle sobre o fluxo de pessoas que estão fugindo das guerras. Todo esse cenário se torna completamente incompatível com o favorecimento de habilidades e adaptações de agricultura e pecuária diante de eventos climáticos adversos (FAO *et al*, 2017, p. 44).

Ainda que essa seja a realidade de muitos países na África, grande parte deles sobrevive por meio de atividades agrícolas, pesca e pecuária. Dessa forma, o descontrole nas temperaturas e nas chuvas se tornam um problema ainda maior pois afetam a produção desses meios de subsistência de forma mais forte e complexa. Não podemos deixar de destacar também a sua formação natural climática constituída por áreas áridas, semi-áridas e secas que sofrem os efeitos das variações climáticas de forma mais drástica (*ibid*, p. 45).

Toda essa complexidade de fatores, transformam não só o continente africano numa região com difíceis soluções para o problema da fome que enfrenta, mas também o tornam um local mais pobre e vulnerável a crises econômicas (*ibid*, p. 68-69). Para que essa vulnerabilidade seja de alguma forma resolvida, é necessária a implementação de políticas sociais para proteger a população mais vulnerável (FAO *et al*, 2019, p. xv).

Com a recuperação econômica lenta desde a crise de *subprime* em 2008, a África é um dos continentes que mais sofre com os efeitos dessa crise. Dos 65 países com aumento no número de desnutridos durante esse período de estagnação e desaceleração econômica, 32 se localizavam no continente africano. A maioria da receita desses países depende quase que exclusivamente da importação de commodities e de matérias primas

de energia e da exportação de commodities primárias, o que com uma crise econômica se torna um grande problema (ibid, p. 52-57).

Países dependentes de exportações de commodities primárias tem sua receita afetada durante uma crise econômica por conta da diminuição do preço das commodities no mercado mundial. Essa dinâmica faz com que a arrecadação do país diminua “desencadeando uma série de efeitos em toda a economia, incluindo reduções em câmbio e receitas fiscais, com impactos potencialmente adversos sobre os alimentos, segurança e nutrição” (ibid, p. 57, tradução minha).¹¹

As implicações que as crises e desacelerações econômicas causam nos países pioram cenários já bastante deteriorados por outros fatores, como guerras e tragédias climáticas. Entretanto, esses dois últimos fatores podem vir a ocasionar uma crise econômica o que acaba se tornando um ciclo sem fim, com efeitos diretos na segurança alimentar e crises de fome nos países mais frágeis, tornando-os disfuncionais (ibid, p.59).

Enquanto crises econômicas podem contribuir para crises alimentares, elas raramente são a causa primária. Conflitos e mudanças climáticas são os fatores primários das crises e do quadro de insegurança alimentar que vemos em muitos países, principalmente os africanos. Estima-se que somente 10.2 milhões de pessoas tiveram suas dietas alimentares afetadas diretamente por choques econômicos, enquanto que 74 e 29 milhões de pessoas foram afetadas por conflitos e desastres naturais e climáticos (ibid). Essa hierarquização de fatores não significa contudo que, resolvendo um problema o outro será resolvido automaticamente. Apesar dessas 3 principais causas se mesclarem

¹¹ No original: (...) “triggering a number of economy-wide effects, including reductions in foreign exchange and tax revenue, with potentially adverse impacts on food security and nutrition.”

entre si é necessário combatê-las de forma separada, exceto quando há um nexo evidente entre conflitos e choques econômicos.

A FAO (*et al*, 2019, p. 59-60, tradução minha) observa que existe uma interação muito forte entre conflitos e desaceleração econômica sendo, “o conflito não é apenas o principal fator por trás das crises alimentares, mas também costuma desencadear estagnações, desacelerações e recessões econômicas profundas que agravam a severidade e a duração da crise alimentar”.¹² Além disso, esses próprios efeitos econômicos aumentam o desemprego, levando a uma diminuição da renda familiar e do poder de compra que desencadeia uma má-nutrição e insegurança alimentar naquela população, podendo levar a mais conflitos (*ibid*, p. 60-61).

Toda essa situação é bastante preocupante para essas duas agências por conta da Agenda 2030. Estabelecida em 2015, a mesma designa metas para acabar com a fome, promover segurança alimentar e agricultura sustentável até 2030, porém com a situação de conflitos nos países do continente africano se expandindo cada vez mais, os números de subnutridos e insegurança alimentar se tornaram maiores e não param de crescer (FAO *et al*, 2017, p. 3-9).

Com essa preocupação em relação ao aumento e escala dos conflitos, o Banco Mundial e a OCDE estimaram que até 2030 as “altas taxas de crescimento populacional e fraco desenvolvimento econômico podem significar que os pobres representem metade ou mais da população total que vive em situações frágeis e afetadas por conflitos”¹³ (FAO *et al*, 2017, p. 30, tradução minha). Isso significa que, por conta de guerras, muitos países

¹² No original: (...) Not only is conflict the main driver behind food crises, but it also often triggers economic slowdowns, downturns and deep economic recessions that compound the severity and duration of the food crisis.

¹³ “No original: (...) high population growth rates and weak economic development could mean the poor will come to represent half or more of the total population living in fragile and conflict-affected situations.”

do continente africano não conseguirão alcançar as metas estabelecidas e, pior ainda, o número de famintos e desnutridos irá aumentar por conta da pobreza gerada.

Para que esse quadro retroceda até 2030 e os objetivos sejam alcançados, a promoção da paz é imprescindível. Sem ela, é muito difícil promover uma agricultura sustentável, crescimento econômico, parar o fluxo migratório e de refugiados, construir infra estruturas e programas de acesso a alimentos e para isso é importante a prevenção, mitigação, resolução e recuperação de conflitos (ibid, p. 25 - 31). Entretanto, alcançar a paz pode ser mais difícil do que parece dado às características dos conflitos atuais, tidos como intratáveis.

Sendo assim, um caminho para a construção e sustentação da paz se faz a partir da construção de resiliência de conflitos. Reconhecer as complexidades mencionadas acima é importante para estabelecer soluções viáveis das quais se destacam: apoio à subsistência baseado na agricultura, abordagens comunitárias para criar confiança e coesão social e garantir efetividade e legitimidade das instituições (ibid, p. 62-68).

Apesar da solução de conflitos ser uma ação importante a ser feita na construção da fome zero no mundo e no continente africano, não é o único problema que precisa ser solucionado ou tratado como prioridade. No caso, dos efeitos das mudanças climáticas na agricultura e pecuária, é necessário mais investimento nos países que mais sofrem com elas para conseguirem lidar com o inevitável (FAO *et al*, 2018, p.10). Além disso, a construção de resiliência é imprescindível para a superação e adaptação aos desastres naturais (ibid, p. 40).

Todas as evidências mostradas acima são frutos dos mais de 75 anos de experiência FAO na compilação de dados e produção de conhecimento acerca do problema da fome. O cuidado e exatidão de dados fazem com que esses relatórios sejam

bastante considerados para outras publicações e notícias que utilizam da autoridade criada por esses órgãos para dar credibilidade ao que for publicado. Dessa forma, outras organizações do sistema ONU, ONGs, jornais e acadêmicos, utilizam os estudos e relatórios tanto da FAO quanto da WFP como referência quando tratam de assuntos relacionados a segurança alimentar e crises humanitárias.

Apesar de garantir veracidade e confiança ao que é publicado por outros canais que não os da própria FAO, isso ajuda também a perpetuação da ideia do grande país “África” e em suas soluções homogêneas para os problemas do continente, em especial o da fome. Como visto anteriormente, muito se fala do continente africano como um todo nos relatórios. Isso pode parecer algo prático e simplório no primeiro momento, mas no segundo, vemos o quanto a aglutinação desses problemas presentes como um todo no continente pode ser prejudicial para a solução dos mesmos e para o imaginário do que conhecemos como África.

Dessa forma, a reprodução desses principais relatórios por outros meios e a percepção da construção do problema de forma homogênea prejudica a própria forma de endereçar a fome à sua raiz e resolvê-la. Soluções como, por exemplo, “construção de resiliência” (ver, por exemplo, FAO *et al* 2017, 2018, 2019), acabam simplificando a questão da fome no continente como um todo e não combatendo o que de fato faz com que a África se encontre na situação atual de conflitos intratáveis, falta de recursos para lidar com mudanças climáticas e pragas e carência de recursos humanos saudáveis e materiais para sair de crises econômicas endógenas.

Nenhuma solução apresentada nos relatórios endereça a situação atual do continente a sua raiz: seu passado colonial, escravocrata e as relações de hierarquização entre raças onde o negro e pobre é esquecido. Um exemplo claro disso é que o mundo produz alimentos suficientes para todos e um terço dessa produção é desperdiçada. O

problema da fome existe na maneira como distribuimos os alimentos e para quem, e não em sua produção (UN, 2013).

A relação entre raça, colonialismo e fome

Compreender que o mundo produz alimentos suficientes para todos, porém desperdiça um terço dessa produção quando há, pelo menos, 820 milhões de pessoas passando fome no mundo, é o cerne da questão. Dessas 820 milhões, mais da metade são asiáticos e africanos (FAO *et al*, 2019, p. xiv). Pensando num contexto onde a Ásia e a África foram continentes que sofreram o peso do colonialismo europeu no passado, esse dado não é uma surpresa.

Da mesma forma que países do continente asiático foram objetificados e legitimados em colônias europeias pelo o que Said (2007) chama de Orientalismo, o continente africano também. A criação do imaginário África por meio de afirmações infundadas, descrição de seus modos de viver e sua cultura por europeus foi e, é até hoje, a forma pela qual o Ocidente domina, reestrutura e cria autoridade sobre o diferente (SAID, 2007, p.29).

Criar uma separação entre o “eu (europeu)” e os “outros (africanos nesse contexto)” foi importante nesse processo de dominação, pois é difícil colonizar alguém que você considera igual a você. Sem uma relação hierarquizada de poder na qual o civilizado tem vantagem sobre o bárbaro, não há argumentos para se colonizar uma nação. Dessa forma, quando os colonizadores europeus se colocam como civilizados, educados e revolucionários, necessariamente os “outros” precisam ser atrasados, bárbaros e incapazes de se governar para que o processo colonizatório seja legítimo e posto em prática (ibid, p. 31-32).

A criação dessa separação entre as diferentes capacidades de brancos e não-brancos foi chamada de “ontologia da diferença” segundo Grovogui (JONES, 2015, p. 65). Essa ideia se formou muito antes da colonização africana, no final do século XIV durante o período chamado de Renascença, possibilitando a ideia de escravidão de negros africanos por exemplo. Ela se modificou de acordo com épocas, passando pelo Iluminismo e mais tarde, pelo racismo científico no qual se acreditava em uma superioridade branca em detrimento de outras raças chamadas inferiores. Esse discurso sobrevive até hoje e possibilitou a legitimação de “práticas de conquista, escravidão, expropriação e dominação que produziram estruturas racializadas, relações sociais, práticas e ordenação política”¹⁴ (ibid).

A África foi um dos lugares que mais sofreu com essas ideias ao longo de todos esses anos, levando muitos países do continente a um estado de falência. A dominação europeia sobre boa parte do mundo durante os últimos cinco séculos, estabeleceu uma supremacia branca global no qual criou-se países superiores ou inferiores e privilegiados ou subordinados (MILLS, 1999, p. 20-21). Infelizmente, podemos ver até hoje o resultado dessa dominação.

A chamada falência dos Estados africanos não surge da incompetência, da ganância e da inferioridade racial, mas sim dos muitos anos de exploração, escravidão, imperialismo e guerras durante a Guerra Fria. A caracterização da falência de um Estado falido como sendo desprovido de um governo eficiente e de controle sobre seu território, corrupção exacerbada e guerras civis nesses países é resultado direto desses anos de interferência nesse continente como um todo (JONES, 2015, p. 72-75).

¹⁴ No original: (...) practices of conquest, enslavement, dispossession and domination which have produced racialised structures, social relations, practices and political orders.

Um exemplo claro da destruição causada por essas longas interferências na África foi o genocídio em Ruanda em 1994. Para muitos pode parecer que não há ligação entre um fato e outro, porém a história nos mostra o contrário. Quando os belgas decidiram que tinham direito a colonizar Ruanda, eles identificaram uma pequena rivalidade entre etnias, que já existia há muitos anos, e intensificaram-na para alcançar seus objetivos imperiais (COUTO, 2016, p. 9-10).

Em um breve resumo, Ruanda é formado por três etnias principais: Tutsis, Hutus e Twas. Os Hutus eram maioria e constituíam 85% da população, os Tutsis 14% e os Twas apenas 1%, sendo a maior diferença entre esses grupos suas ocupações trabalhistas. Os Hutus eram em sua maioria agricultores, os Tutsis criadores de gado e os Twas, caçadores e fabricantes de utensílios em cerâmica. Apesar de uma rivalidade já existente entre esses grupos, os conflitos eram poucos ou inexistentes (ibid, p. 04-06).

Foi somente com a chegada dos belgas ao país que a rivalidade escalonou a passos exorbitantes. Sabendo da existência desse antagonismo, a Bélgica usou da máxima “dividir para conquistar” e com argumentos racistas, definiu os Tutsis como uma etnia superior aos Hutus e aos Twas, dando a esse grupo acesso a uma educação superior, cargos administrativos e, assim, conduzindo os Hutus a um caminho de marginalização social e miséria dentro do país (ibid, p. 10).

Agindo de acordo com seus interesses, ora os belgas apoiavam os Tutsis, ora os Hutus, criando uma separação artificial que culminou em grandes episódios de violência entre essas duas etnias nos anos seguintes, tendo seu auge em 1994 no genocídio da população Tutsi pelos Hutus (ibid, p. 12-20).

Ruanda é somente um exemplo dentre vários no continente africano. A constante interferência, exploração e execução de ideias racistas não trouxe a "civilização" a esses

países. Elas destruíram e jogaram esses Estados em níveis de extrema miséria, conflitos internos, transformaram-nos em párias do sistema internacional, incapazes de sustentar e proteger sua própria população da mais perversa forma de desumanização: a fome.

A situação calamitosa de fome descrita na seção anterior é resultado direto de todo esse passado, mas também das políticas atuais. Após o período colonial, foi preciso criar uma nova forma de controle para todo esse rico continente e surgem iniciativas de ajuda humanitárias e de cooperação nos âmbitos divulgados por organizações internacionais como a FAO e a WFP, por exemplo (JONES, 2015, p. 72).

Sendo a África um dos continentes mais ricos em recursos naturais do mundo e que sustentam a base de indústrias de alto valor (MUROMBEDZI, 2016, p. 1-4), como fabricantes de celulares por exemplo, é imprescindível a manutenção do controle e influência que países ocidentais têm sobre o território. A relação entre Estados europeus e os EUA, com países africanos, é uma relação de poder desde seus primórdios até os dias atuais. A África, assim como a Ásia, foi dominada, subjugada e transformada nesse lugar ao qual poderia, mas sobretudo, deveria ser explorada (SAID, 2007, p. 32-33).

Atualmente, essa dominação se dá por meio do discurso de modernização e desenvolvimento, legitimando

“práticas dos governos ocidentais e organizações internacionais em fornecer 'aconselhamento político' e 'assistência técnica' em uma série de questões de interesse político, econômico e social para países recentemente independentes, o novo vocabulário ajudando a disfarçar as continuidades essenciais com as relações coloniais”¹⁵ (JONES, 2015, p. 72).

Essa nova forma de controle, omitiu o passado colonial e de escravidão do povo africano, perante as desigualdades que o continente têm sobre o mundo e que são

¹⁵ No original: “(...) the practices of western governments and international organisations in providing ‘policy advice’ and ‘technical assistance’ in a range of matters of political, economic and social concern to newly independent countries, the new vocabulary helping to disguise essential continuities with colonial relationships.”

mostradas nos relatórios da FAO e WFP (ibid). Dessa forma, as guerras civis, a falta de insumos, a corrupção e a fome são expostas quase que de forma inerente ao continente, ao invés de mostrados como consequências criadas a partir da presença do colonizador nos séculos passados.

Sendo assim, quando o discurso de falência estatal é escolhido por essas agências para justificar o quadro de fome que se encontra a África atualmente, elas ajudam a perpetuar injustiças históricas. Piorando, assim, a situação desses países que se tornam cada vez mais marginalizados no sistema internacional e incapazes de conseguirem resolver a crise de forma eficaz e por si mesmos (JONES, 2015, p. 73).

“O novo discurso do fracasso do estado mantém a lógica estruturante de uma hierarquia de gradações, com os critérios de identificação da hierarquia internacional agora formulados em termos das formas institucionais e da capacidade de governar de um estado. Assim, a unidade dentro da qual a ontologia da diferença está situada mudou da humanidade através de raças, civilizações e tribos para a forma institucional do estado”¹⁶ (JONES, 2015, p.73).

Num mundo globalizado financeiramente ao qual vivemos hoje, classificar um Estado como falido, incapaz de cumprir com suas obrigações financeiras ou com sua segurança é acabar com qualquer chance que esse Estado tenha de conseguir ajuda financeira e lidar sozinho com seus problemas (ibid, p. 75).

Portanto, quando agências de grande renome internacional elaboram relatórios ano após ano, usando motivos secundários para endereçar o problema da fome, elas estão mascarando os reais causadores da crise alimentar no continente. Mais ainda, elas não estão buscando a solução do problema de fato.

¹⁶ No original: “The new discourse of state failure retains the structuring logic of a hierarchy of gradations, with the criteria for identifying international hierarchy now formulated in terms of a state’s institutional forms and capacity to govern. Thus the unit within which the ontology of difference is situated has moved from humanity through races, civilisations and tribes to the institutional form of the state.”

Conclusão

Sem dúvida alguma, a FAO, e mais tarde a WFP, foram criadas com o intuito de mitigar a fome no mundo por meio de ajuda humanitária, pesquisa e incentivos a países em dificuldade (FAO (A), s.d.). Hoje, essas duas agências são as maiores autoridades no que diz respeito ao combate à fome no mundo e influenciam milhares de agentes internacionais, sejam Estados, ONGs, sociedade civil e outras agências do sistema ONU.

Seus relatórios são tidos como referência e usados de apoio em diversas outras publicações da própria agência ou de outros atores. Essa ampla propagação de ideias, consolidou no sistema internacional quais seriam as causas da fome em várias partes do mundo e quais seriam suas soluções. Entretanto, no que diz respeito a África, ajudou a criar um imaginário no qual, os problemas causadores da fome no continente, seriam inerentes à própria África.

É inegável que conflitos armados, mudanças climáticas e crises econômicas são causadores diretos da crise alimentar no continente africano (ver, por exemplo, FAO *et al*, 2017, 2018, 2019), porém esses motivos são consequências diretas de anos de explorações e violações desses países por grande parte da Europa (JONES, 2015, p. 70 - 72).

Sendo assim, quando essas organizações, usadas como referências no mundo todo, deixam de lado o colonialismo e a escravidão como o principal motivo para a crise de fome, elas desencadeiam dois movimentos.

O primeiro deles seria a reprodução do mesmo discurso errôneo por parte de outras agências, não endereçando propriamente o problema à sua raiz e dificultando soluções. O segundo, e mais preocupante, é a falta de soluções adequadas para o problema. A não responsabilização de países europeus, por atos passados que levaram o

continente africano ao seu estado atual, é injusta e danosa. Uma vez responsabilizados, muitos poderiam ser obrigados a colaborar financeiramente na reconstrução do continente que ajudaram a destruir e construir uma política de reparação que ajudasse esses países a prosperar.

Além disso, muitas das soluções citadas por essas agências envolvem ideias abrangentes como fortalecer a democracia em tal país, criar resiliência em agricultura sustentável, combater desigualdades por meio de auxílios financeiros às populações, etc (ver, por exemplo, FAO *et al*, 2017, 2018, 2019). De fato, essas soluções ajudariam a combater a fome em muitos países, mas não acabaria ou diminuiria o problema a níveis mais baixos.

O motivo pelo qual essas soluções não funcionam de fato e ainda temos milhões de famintos no continente (FAO; ECA, 2018, p. xii) se deve a como o resto do mundo, mas principalmente Europa e EUA, enxergam a África. Um lugar a ser explorado, colonizado, que precisa ser modernizado e levado ao desenvolvimento, incapaz de se autogovernar e que precisa, desesperadamente, de ajuda. (JONES, 2015, p. 76).

Os silenciamentos do problema da fome na África envolvem muito mais do que a falta de endereçamento correto das razões da crise por essas agências. Envolve também, uma omissão sistemática dos danos causados pelos colonizadores para que continuem, até os dias atuais, intervindo de forma indireta em assuntos internos desses países de acordo com seus interesses (JONES, 2015, p.73). Doa a quem doer, morra quem morrer (de fome, de doença, de miséria), os interesses imperialistas em primeiro lugar, a vida dos africanos em último.

Bibliografia

COUTO, Andreia Terzariol. *Colonização centro-africana e seus desdobramentos: o genocídio de Ruanda*. Disponível em:

<http://encontro2016.mg.anpuh.org/resources/anais/44/1467943605_ARQUIVO_Colonizacaoocentroafricanaeseusdesdobramentos.pdf>. Acesso em: 27 fev 2021.

CRUZ VERMELHA. História. Comitê Internacional da Cruz Vermelha, s.d. História. Disponível em: <<https://www.icrc.org/pt/o-cicv/historia>>. Acesso em: 15 set 2019.

FAO (A). About FAO. FAO, s.d. About. Disponível em: <<http://www.fao.org/about/en/>>. Acesso em: 15 jan 2020.

FAO (B). Publications. FAO, s.d. Publications. Disponível em: <<http://www.fao.org/publications/en/>>. Acesso em: 27 fev 2021.

FAO et al. *2017 The State of Food Security and Nutrition in the World: Building Resilience for Peace and Food Security*. Roma: FAO, 2017. 132p. Disponível em: <<http://www.fao.org/policy-support/tools-and-publications/resources-details/en/c/1107528/>>. Acesso em: 27 fev 2021.

_____. *2018 The State of Food Security and Nutrition in the World: Building Climate Resilience for Food Security and Nutrition*. . Roma: FAO, 2018. 202p. Disponível em: <<http://www.fao.org/policy-support/tools-and-publications/resources-details/en/c/1152267/>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

_____. *2019 The State of Food Security and Nutrition in the World: Safeguarding against Economic Slowdowns and Downturns*. Roma: FAO, 2019. 239p. Disponível em: <<http://www.fao.org/publications/card/en/c/CA5162EN/>>. Acesso em: 27 fev 2021.

FAO; ECA. *Africa Regional Overview of Food Security and Nutrition Addressing the Threat from Climate Variability and Extremes for Food Security and Nutrition 2018*.

Acra: FAO, 2018. 116p. Disponível em: <<http://www.fao.org/3/ca2710en/CA2710EN.pdf>>. Acesso em: 27 fev 2021.

JONES, Branwen Gruffydd. *Good Governance and State Failure: The pseudo-science of statesmen in our times*. In: ANIEVAS, Alexander et al (Org.). *Race and Racism in International Relations: Confronting the Global Color Line*. Nova York: Routledge, 2015. p. 62 - 80.

MILLS, Charles. *The Racial Contract*. Ithaca: Cornell University Press, 1999.

MUROMBEDZI, James C. *Inequality and natural resources in Africa*. In: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Org.). *World Social Science Report 2016, Challenging Inequalities: Pathways to a just World*. Paris: UNESCO Publishing, 2016. p. 01-05. Disponível em: <https://en.unesco.org/inclusivepolicylab/sites/default/files/analytics/document/2019/4/wssr_2016_chap_09.pdf>. Acesso em: 27 fev 2021.

OXFAM. Our History. OXFAM, s.d. Our History. Disponível em: <<https://www.oxfam.org/en/our-history>>. Acesso em: 15 set 2019.

SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

UN. At UN meeting, experts stress need to rethink food systems to improve nutrition. UN News, 13 nov 2013. Story. Disponível em: <<https://news.un.org/en/story/2013/11/455272>>. Acesso em: 20 set 2020.

WFP et al. *2019 Global Report on Food Crises: Joint Analysis for Better Decisions*. Roma: WFP, 2019. 202p. Disponível em: <[https://www.ifpri.org/publication/2019-global-report-food-crises-joint-analysis-better-decisions#:~:text=2019%20Global%20report%20on%20food%20crises%3A%20Joint%](https://www.ifpri.org/publication/2019-global-report-food-crises-joint-analysis-better-decisions#:~:text=2019%20Global%20report%20on%20food%20crises%3A%20Joint%20)

20analysis%20for%20better%20decisions,-

Food%20Security%20Information&text=The%20Global%20Report%20on%20Food,ac
ute%20hunger%20in%20the%20world.&text=This%20report%20illustrates%20in%20s
tark,climate%20shocks%20and%20economic%20turbulence>. Acesso em: 20 fev 2021.

_____. *2017 Global Report on Food Crises*. Roma: WFP, 2017. 145p. Disponível em:
<<https://www.wfp.org/publications/global-report-food-crisis-2017>>. Acesso em: 20 fev
2021.

_____. *2018 Global Report on Food Crises*. Roma: WFP, 2018. 202p. Disponível em:
<<https://www.wfp.org/publications/global-report-food-crisis-2018>>. Acesso em: 20 fev
2021.

WFP. History. WFP, s.d. History. Disponível em: <<https://www.wfp.org/history>>.
Acesso em: 15 jan 2020.